

OS DESAFIOS ÉTICOS INTERCONSCIENCIAIS E A COSMOÉTICA

Leuzene Salgues

RESUMO. O objetivo deste artigo é suscitar reflexões sobre a o teor subjetivo implícito na compreensão da ética ou ausência da mesma, expresso nas relações interpessoais e entre sociedades, gerando as dificuldades de convivência existentes no mundo. Busca também propor um diálogo entre as diferentes concepções de ética e o conceito de Cosmoética, tendo, ainda, a possibilidade da elaboração do Código Pessoal de Cosmoética (CPC) e a aplicação da Inteligência Evolutiva (IE) em estratégias de interassistência como fatores essenciais para melhoria do holopense planetário.

Palavras-chave: Cosmoética; Ética; Interassistência.

INTRODUÇÃO

Aceleração. Uma das reflexões iniciais deste artigo foi sobre a condição atual do mundo, no qual o progresso científico e a aceleração tecnológica, oriundos do exercício de domínio e controle do homem sobre a natureza, têm promovido ações diretas e intencionais sobre a humanidade e as coisas, principalmente, nos últimos séculos.

Ameaça. Apesar de se viver um período de intensas transformações técnico-científicas, com progressos gigantescos no âmbito das especializações, presencia-se grandes desequilíbrios ecológicos que necessitam serem remediados, com urgência, em função da situação-limite atual: ameaça de extinção ou continuidade de vida no planeta.

Impotência. O século XX foi um grande depositário de um excesso de confiança na tecnologia que, apesar de atender às necessidades pretéritas da humanidade, revelou-se impotente, ante os diversos acidentes provocados pelos sofisticados instrumentos desenvolvidos, demonstrando que há fragilidades e não supremacia nos avanços tecnológicos.

Criatividade. Há uma falta de discernimento no uso da criatividade posta a serviço do desenvolvimento de instrumentos do terror e armamentos de efeitos letais capazes de prejudicar toda e qualquer forma de vida em nosso planeta.

Riscos. Essas criações são um demonstrativo de que apesar dos benefícios e qualidade de vida que o avanço da ciência proporcionou, não há um triunfo absoluto da racionalidade diante das incertezas do mundo e dos riscos de extermínio de qualquer manifestação de vida na Terra.

Antivida. Há, também, uma ordem cultural de competição e poder, cultura antivida que permeia todas as instâncias sociais, inclusive o lazer, que reproduz

o modelo competitivo em milhões de brinquedos e jogos de combate e guerra, com campeonatos intermináveis, que contagiam crianças, adolescentes e até adultos.

Obnubilamento. O olhar fragmentado e desarticulado de uma visão global (falta de cosmovisão) tem obnubilado a percepção dos problemas gerais e planetários, conduzindo ao enfraquecimento da responsabilidade dos atos individuais e coletivos bem como da solidariedade à dificuldade alheia.

Tempo. Uma das aflições ante as incertezas que o ser humano enfrenta no mundo contemporâneo é a sua relação com o tempo, com os minutos nos quais negocia consigo a realização de desejos, sonhos, obrigações e necessidades. Passam-se os minutos, horas, dias, anos e o tempo se esvai entre as escolhas que se fez e aquilo que se deixou de fazer, por simples falta de tempo e/ou priorização.

Fugacidade. Prevalece o efêmero, a *impermanência das coisas*, através da velocidade tanto da produção quanto do consumo de produtos descartáveis, da alimentação em *fast food*, dos ditames das leis do mercado e da moda imperativa e, infelizmente, prevalece, também, a superficialidade e a fugacidade das relações interpessoais, nas quais o nível de intolerância é cada vez menor ante quaisquer dificuldades (CHAUÍ, 1992, p. 347).

Imediatismo. As telecomunicações e a eletrônica propiciam uma vida na qual vivemos como o *coelho de Alice*¹, que se desespera ao consultar o seu relógio por estar sempre atrasado, quando o tempo é sinônimo de velocidade; ou ainda, quando experimentamos espaços virtuais onde os botões e teclados são acionados para a satisfação imediata, seja para obter o saldo no banco, seja para a extinção de um relacionamento virtual.

Rupturas. Há, também, um movimento imperativo no mundo que clama por transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que exigem rupturas com modelos esgotados ou estagnados para que ocorram possíveis mudanças profundas em todas as áreas do conhecimento humano.

Equívoco. Sem dúvida, a ciência trouxe grandes contribuições para a ampliação do conhecimento sobre as coisas, corroborando para a elucidação de questões que foram colocadas pela humanidade acerca de si mesma e do mundo. Porém, os resquícios do passado no qual o homem lutava por sua sobrevivência deram origem à cultura predadora do ecossistema natural do planeta, interpretado de modo equivocado, como patrimônio ilimitado.

Priorização. Tem-se emergência de um *novo tempo*² em que se possa utilizar, em benefício da humanidade, os resultados de pesquisas, os recursos das biotecnologias e os instrumentais tecnológicos avançados, minimizando a fome e o sofrimento de tantas pessoas. Não se faz, porque não se prioriza o ser humano, em detrimento do lucro e do poder.

1 Livro de Lewis Carrol, *Alice's Adventures in Wonderland* publicado em 1865 e, hoje, traduzido em mais de 50 línguas.

2 Serres, 2003.

Viver. Esse modo de ser e estar no mundo e a incapacidade de atender a indeterminação humana é que mantém uma grande questão em aberto: *como viver, individual e coletivamente?*³ À medida que busca-se responder a essa questão vai-se aprendendo a viver e apesar das incertezas, as respostas são direcionadas à defesa da própria vida.

Livre-arbítrio. Cada pessoa que nasce não tem uma vida determinada, tampouco já nasce pronta. Com as oportunidades sociais, culturais e contextuais, ela conhece, aprende e faz escolhas de convivência. Pode optar por entrar, permanecer ou sair de determinados sistemas de normas coletivas e exercer o próprio livre-arbítrio para utilizar ou recusar os dispositivos operativos dos mesmos (GIANOTTI, 1992, p. 241).

Mudança. A recusa ou a permanência de determinado sistema (normas coletivas sistematizadas) acarretam na escolha em infringir, ou não, as regras e sofrer as sanções intrínsecas ao mesmo. Porém, a recusa e saída de um sistema normativo implicam, em geral, na opção de entrada e de envolvimento com outro sistema, em função da transgressão e abandono do anterior (GIANOTTI, 1992, p. 241).

Participação. A permanência pacífica em um sistema normativo ocorre pelo reconhecimento coletivo da própria capacidade participativa. Cada um pode ser por inteiro e se perceber como *alguém que vale por si mesmo independentemente de sua face de agente social*⁴, o que permitirá relações pautadas no respeito mútuo, requerendo preparo e aperfeiçoamento na capacidade de agir socialmente.

Objetivo. Diante de tal contexto, objetiva-se com o presente artigo suscitar reflexões sobre a o teor subjetivo implícito na compreensão da ética ou ausência da mesma, expresso nas relações interpessoais e entre sociedades, gerando as dificuldades de convivência existentes no mundo.

Cosmoética. As ideias expostas propõem, também, a vivência da Cosmoética como possibilidade de constatação da insuficiência do paradigma científico, materialista, convencional, na discussão dos dilemas éticos da atualidade, perante a complexidade da consciência em evolução.

Organização. O presente artigo apresenta, inicialmente, os conceitos de Ética e Cosmoética, seguidos de uma discussão entre os desafios éticos e cosmoéticos presentes nas relações entre as pessoas, pessoas e meio ambiente, nações, sociedades e culturas distintas; e, por último, apresenta as considerações finais, tendo o exemplarismo cosmoético como meta interassistencial possível.

I. A ÉTICA E A COSMOÉTICA

Antiética. Hoje (2016), é possível se obter informações com toda sofisticação tecnológica sobre a parte da humanidade que morre de fome ou em consequência de guerras. Ao mesmo tempo, há países com fartura de recursos, realizando

3 Puig, 2007, p. 70-71.

4 Gianotti, 1992, p. 242.

cada vez mais investimentos em armamentos para destruição de outras nações, em defesa dos próprios interesses. Ao pensar sobre a humanidade e sua condição planetária, observa-se a falta de cosmovisão e solidariedade entre os povos e a antiética em destruir os semelhantes e o meio ambiente.

Definição. A Ética é a parte dos estudos filosóficos que investigam os princípios pessoais e sociais capazes de motivar, disciplinar ou orientar o comportamento humano, refletidos nos valores, normas, prescrições ou conjunto de preceitos morais de determinado grupo social ou Socin – Sociedade intrafísica (VIEIRA, 2003, p. 1018).

Alijamento. A Ética é um tema antigo, que vem emergindo com força e despertando o interesse de investigação em diferentes áreas. Em consulta a *site de busca*⁵ sobre trabalhos acadêmicos que fazem referência à ética, foram encontradas, aproximadamente, 1.560.000 referências, entre citações, livros, artigos, monografias, dissertações e teses. A consulta na *internet* trouxe diversos temas apresentados nas publicações, dentre eles, os 25 expostos a seguir, em ordem alfabética:

- código de *ética*
- *ética* e administração
- *ética* e bioética
- *ética* e cidadania
- *ética* e deontologia
- *ética* e educação
- *ética* e educação física
- *ética* e meio ambiente
- *ética* e moral
- *ética* e organizações
- *ética* e política
- *ética* e relações
- *ética* e relações de trabalho
- *ética* e responsabilidade social
- *ética* e sociedade
- *ética* empresarial
- *ética* médica
- *ética* profissional
- *ética* pública
- filosofia e *ética*

Historicidade. O conceito de ética foi evoluindo ao longo da história da humanidade, sendo determinado pelas mudanças nos costumes, leis e valores morais de variadas épocas, apresentados os destaques em ordem cronológica (FRANKENA, 1975; VALLS, 2004; SANTOS, 2012):

⁵ Google, empresa multinacional americana de serviços online, fundada em 1998 (acesso em 28/08/2016).

1. **Antiguidade.** Na civilização grega, berço das reflexões éticas, ressalta-se o caráter público, as questões relativas aos valores, à política e a forma de organização social. A *pólis* era o lugar onde os homens exercitavam a cidadania, discutindo a coisa pública e o bem comum. Destaca-se o pensamento de Sócrates (469–399 a.e.c.), Platão (427–347 a.e.c.) e Aristóteles (384–322 a.e.c.). A base está no homem que usa os seus conhecimentos na busca teórica e prática da ideia do bem da sociedade e felicidade pautada em uma vida ordenada de seus membros.

2. **Idade Média.** No período da Idade Média, em função do poder da Igreja, as reflexões éticas passam a ter relação com as virtudes internas, de ordem privada, nas boas intenções e nos esforços de alcançar o bem para aproximar-se de Deus. A mudança de finalidade cria uma cisão entre ética e política. A ética, decorrente da vontade livre e racional, apresenta-se como obediência às leis divinas. Salienta-se a influência das ideias de Santo Agostinho (354–430) e São Tomás de Aquino (1225–1274) que defendiam que a felicidade só era possível no encontro do homem com Deus. O homem viveria para conhecer, amar e servir a Deus.

3. **Renascimento.** No período da Idade Média, entre os Séculos XV e XVIII, há um retorno ao humanismo. Com o surgimento da burguesia e a transição do feudalismo para o capitalismo, há no contexto europeu um movimento filosófico e artístico, o Renascimento, fruto da redescoberta e revalorização de referências da antiguidade clássica. Surgem grandes obras de Maquiavel (1469–1527), Spinoza (1632–1677), Rousseau (1712–1778) e Kant (1724–1804), entre outras. A ética se desenvolve válida para qualquer ser racional e aplicável a todos os seres humanos. Enfoca a autonomia moral do indivíduo que procura agir de acordo com sua razão natural. O homem racional, autônomo, vive de acordo com a liberdade pessoal e age segundo a razão.

4. **Contemporâneo.** O Século XIX foi marcado pelo pensamento racionalista, os avanços tecnológicos e a evolução da ciência, industrialização, com exaltação de valores materiais e imediatistas. Destaca-se neste período os pensadores Hegel (1770–1831), Marx (1818–1883) e Nietzsche (1844–1900). No Século XX, com a contribuição de vários pensadores, somados à *Escola de Frankfurt*⁶, instituto de pesquisas sociais criado na década de 1920, houve uma extensão filosófica do materialismo, com novos contornos ao marxismo, sendo agregados elementos como a cultura (Gramsci, 1891–1937), a sexualidade (Marcuse, 1898–1979, e Freud, 1856–1939), a sustentabilidade (Habermas, 1929–), o consumismo e passividade moderna (Adorno, 1903–1969), dentre outros.

Integração. A Ética contemporânea, com seus diversos expoentes, incorpora os antigos princípios e ultrapassa as certezas tradicionais, integrando aquisições do passado sem as quais as concepções de hoje não seriam consistentes, porém “[...] entramos em um período em que a ciência da liberdade é requerida como

6 Instituto de pesquisas sociais criado na década de 1920.

controle do controle e como poder sobre o poder. O pensamento ético contemporâneo se confunde com essa exigência de sabedoria” (RUSS, 2006, p. 172).

Experiência. O estudo da Ética não se resume a se dizer o que está certo ou errado no nosso modo de viver, mas enquanto teoria e prática, ele consiste na investigação da experiência humana, procurando explicá-la ou compreendê-la em uma determinada realidade, evitando reduzir a ética a um caráter apenas normativo ou pragmático.

Perspectiva. Para Singer (2002, p.24-28), a Ética é uma perspectiva pautada na razão aplicada às decisões éticas, sendo algo mais que ações motivadas pelos interesses pessoais. Não se justifica como princípio relativo a qualquer grupo local, por isso, nos juízos éticos, adota-se ponto de vista universal, exigindo esforços na abstração do “eu” e do “tu” para se chegar a um ponto de vista de espectador imparcial.

Especificidades. Qualquer reducionismo pode nos impedir de perceber que cada indivíduo carrega consigo a sua origem, a sua cultura e formação, expressos no seu jeito de ver, ser e estar no mundo, cujos comportamentos são oriundos de diferentes entendimentos, de diferentes maneiras de receber as mensagens que emanam da possível realidade.

Limitação. Muitos dos temas éticos da atualidade, tais como eutanásia, riqueza e pobreza, fins e meios, refugiados, limites da bioética, aborto, genocídio, violência, terrorismo, guerra, ecologia, religião, entre outros, sofrem com a limitação do paradigma materialista que não atende as nuances do processo evolutivo, dinâmico e multidimensional da humanidade e para-humanidade do planeta Terra.

Paradigma. Conhecemos, pensamos, sentimos e agimos segundo os paradigmas inscritos culturalmente em nós. Isto ocorre porque o paradigma, mesmo inconsciente, nutre e controla a forma de pensar sobre as coisas e sobre a realidade, podendo instaurar a dissociação e separabilidade ou o exercício de uma cosmovisão sobre as coisas do Universo, ou seja, *um paradigma pode ao mesmo tempo elucidar e cegar, revelar e ocultar* (MORIN, 2000, p. 27).

Ausência. A ciência materialista convencional restringe os estudos sobre a ética, ocultando mais do que revelando ou elucidando os grandes dilemas éticos atuais, sendo insuficiente perante a complexidade da consciência. Aprofundar essas questões não é algo instintivo ou automático, tampouco, obedece com rigor ao que seria considerado ‘normalidade’ em nossa sociedade. Exige de nós reflexão e diálogo na busca da compreensão sobre a relatividade das éticas sociais e a ausência de uma *Cosmoética* no mundo.

A Cosmoética (cosmo + ética) é a especialidade da Conscienciologia aplicada ao estudo da ética ou reflexão sobre a moral cósmica, multidimensional, definindo a holomaturidade consciencial, situada além da moral social, intrafísica, ou aquela apresentada sob qualquer rótulo

humano, ao modo de discernimento máximo, moral e emocional, a partir da intimidade do microuniverso de cada consciência (VIEIRA, 2003, p. 1018).

Unidade. A unidade de medida ou de trabalho da Cosmoética é a *incurruptibilidade*.

Teoria-líder. O paradigma consciencial é a *teoria-líder* que estuda a consciência de forma integral, ampla e com o objetivo de proporcionar uma cosmovi-são sobre os veículos pelos quais ela se manifesta, as dimensões e ambientes onde pode se manifestar e as possíveis interações com consciências de diferentes níveis evolutivos.

Bases. O estudo abrangente da consciência na abordagem conscienciológica requer metodologia específica pró-evolução, apoiada em 7 aspectos basilares constitutivos do paradigma consciencial, elencados, em ordem alfabética, a seguir:

1. **Autoexperimentação.** O paradigma consciencial possibilita à consciência interessada ser, ao mesmo tempo, pesquisador e objeto de estudo, responsável pela autoconstatação das próprias posturas anticosmoéticas que ainda manifesta, principalmente as mais sutis, por exemplo, pensar mal de si ou dos outros;

2. **Bioenergética.** A abordagem bioenergética possibilita estudar diferentes tipos de energias dos seres vivos(pessoas, animais e plantas), discriminar as influências energéticas e estudar os efeitos dos holopenseenes anticosmoéticos (conjunto nosográfico de pensamentos, sentimentos e energias) em determinadas pessoas, ambientes e sociedades;

3. **Cosmoética.** A compreensão da Cosmoética enquanto moral cósmica, em prol da evolução de todas as consciências, possibilita constatar as limitações das concepções intrafísicas sobre a ética, até o momento;

4. **Holossomática.** Considera a existência de quatro veículos de manifestação consciencial que, através da autoexperimentação cosmoética, podem ser utilizados e aprimorados no modo de funcionamento. Compõem o holossoma, conjunto de corpos integrados: soma (corpo biológico), energossoma (corpo energético), psicossoma (corpo emocional) e mentalsoma (corpo mental).

5. **Multidimensionalidade.** A experiência da projeção consciente, ou experiência fora do corpo, possibilita à consciência se manifestar em outras dimensões além da dimensão física, perceber as restrições que a vida intrafísica lhe proporciona e verificar a existência de ambientes extrafísicos evoluídos, sadios, onde se discutem as verdades relativas de ponta (verpons), muito mais amplas e profundas do que tudo que vem sendo discutido, no planeta, sobre a ética ou qualquer outro tema.

6. **Multiexistencialidade.** O paradigma consciencial admite a continuidade da consciência após a morte e a realidade de vidas sucessivas. A Cosmoética ajuda na compreensão da lei cármica, da causa e efeito, da ação e reação, positiva

ou negativa, fruto das posturas maduras ou imaturas ao longo da série de existências.

7. Universalismo. Segundo Vieira (2003, p. 836), propositore do paradigma consciencial, Universalismo é “o conjunto de princípios, em sentido cosmoético, derivado das leis básicas do Universo, contrário ao individualismo da pessoa subordinada a alguma comunidade, seja Estado, povo, nação, humanidade planetária ou trincheira egóica tomada por umbigo do Cosmos, da conscin com capacidade de tratar homens, mulheres e povos igualmente”.

Pensene. A unidade de manifestação da consciência é o pensene, **pensamentos**, **sentimentos** e **energias**, três elementos indissociáveis. As energias de uma consciência estão impregnadas com informações sobre o que a mesma pensa e sente.

Holopensene. O conjunto consolidado de energias conscienciais (ECs) permeadas de pensamentos e sentimentos formam o holopensene de determinado ambiente. A característica essencial de todo holopensene é a agregação e acumulação de pensenes, que podem ser sadios, positivos ou nosográficos, patológicos. Há holopensenes pessoais, grupais, de ambientes, localidades e épocas.

Questionamentos. Diante das ideias expostas até o momento, vale refletir, o paradigma consciencial pode contribuir para minimizar as dificuldades de convivência entre as pessoas, nações, pessoas e meio ambiente? Que repercussões poderá ter os estudos da ética a partir desse novo paradigma?

II. DIÁLOGO ENTRE OS DESAFIOS ÉTICOS E COSMOÉTICOS

Rejeição. Nos confrontos, seja intra ou interculturais, rejeita-se a ética daquele que inova, porque não há a adequação de seu comportamento às circunstâncias coletivas esperadas. É o impacto que a mudança de valores de alguém ou de um pequeno grupo promove, gerando novas práticas sociais.

Pluralidade. No quadro da Multiculturalidade, segundo Demo (2005, p. 17), não se pode falar de ética única, uma vez que é plural, embora com aspectos comuns à toda convivência humana. Essa concepção contribui para compreender, e não apenas descrever o comportamento humano em seu processo histórico e social. Por isso mesmo, não formula juízos de valor sobre as práticas de determinadas sociedades ou de diferentes épocas em nome de uma ética absolutista ou universalista. É um exercício de buscar a compreensão da pluralidade e das transformações em diferentes e até opostas, práticas sociais.

Tares. No enfoque consciencial, respeita-se a diversidade e o nível cosmoético de cada sociedade e cultura. No entanto, utiliza-se o discernimento cosmoético, amplo, fraterno e universalista, para a realização da tarefa do esclarecimento (tares), quando possível, contribuindo para um entendimento mais amplo sobre fatos, conceitos, atitudes e procedimentos anticosmoéticos.

Ampliação. A conscin (consciência intrafísica) informada, pode considerar as verdades relativas de ponta (verpons) como hipótese e buscar as autoexperimentações para constatar, por si só, a veracidade da realidade multidimensional. Possivelmente, ao se deparar com essa condição, será capaz de renovar os valores pessoais e desenvolver a cosmovisão em relação a diversos aspectos evolutivos, ampliando, naturalmente, os limites do paradigma convencional.

Marginalidade. A dimensão ética caminha por uma linha “compreensiva”, ou seja, as discussão entre dogmatismos e relativismos que conduz a ação das pessoas. Cada sociedade cria aparelhos sociais e culturais que condicionam a compreensão e o comportamento daqueles que a compõem. No entanto, o indivíduo pode apresentar os comportamentos de *consideração* ou *negação* às regras e normas sociais, da conduta esperada por todos. Aqueles que não atingem a *linha compreensiva* e desacatam os imperativos sociais sucumbem à marginalidade e transitam à margem dos comportamentos considerados normais (GHIGGI, 2003, p. 93).

Contramão. A dimensão cosmoética caminha pelo Universalismo, rumo à evolução, para que todas as consciências possam transgredir os aparelhos sociais e culturais antievolutivos, na contramão de qualquer imperativo social anticosmoético, sem que tenha que permanecer na marginalidade. Muito pelo contrário, conquista autonomia evolutiva, galgando patamares de maior discernimento.

Transcendência. Um desses comportamentos para se manter na linha compreensiva é fruto da expectativa da experiência da transcendência, promessa de origem religiosa que faz com que o agir de uma pessoa passe por suas escolhas e decisões de origem transcendentais. Só ela própria pode abri-se para a transcendência a partir das crenças pessoais. Por isso, não é possível obrigar alguém a ser ético por um apelo transcendente. (ZANOTELLI, 2003, p. 122–124).

Justificativa. A transcendência religiosa convida o homem e o estimula para uma ética justificada por ela mesma, levando-o, até mesmo, a descartar o soma (dessamar, morrer), caso dos camicases e *homens-bomba*, a fim de serem reconhecidos pelos pares, dizendo não às sociedades que não compreendem os seus motivos transcendentais.

Honra. Outro aspecto imaturo é a *ética da honra, que enobrece o egocentrismo* (MORIN, 2005, p. 99). Pauta-se na defesa da imagem que se quer ter de si mesmo, por exemplo, o general japonês que durante a Segunda Guerra Mundial praticou o haraquiri, suicídio de honra, ao ser vencido.

Homicídio. Na abordagem conscienciológica, essa força destrutiva constituiu-se ação transloucada promotora de suicídio e, ao mesmo tempo, homicídio intencional, evidenciando o nível de intensidade da contaminação doentia das ideias, pensamentos, sentimentos e energias do suicida.

Compartilhamento. O sistema de necessidades de um indivíduo é aberto, complexo e singular. A coexistência social se solidifica com o compartilhamento

deses sistemas abertos que podem permitir o exercício da crítica àquilo que é posto como necessidade individual ou coletiva.

Necessidades. Nem todas as necessidades são éticas. O ser humano possui necessidades diversas que podem ser cosmoéticas ou anticosmoéticas para si ou para os demais seres, como por exemplo, a necessidade de oprimir de alguma forma alguém ou necessidade de prestar ajuda aos outros, ao modo de prestar socorro em um incêndio.

Solidariedade. É possível construir uma nova coerência no mundo que incorpore valores humanos que sejam compreendidos e compartilhados, que contemple o desenvolvimento da ciência e traga uma mensagem política de solidariedade dos homens entre si e com a natureza.

Governo. Diante da globalização, Peter Singer, filósofo contemporâneo, denuncia o equívoco das nações ricas em não assumir um ponto de vista ético global, já que o Século XXI traz a necessidade de se pensar uma forma adequada de governo para o mundo. “[...] Trata-se de um desafio moral e intelectual, de porte monumental, mas não podemos recusá-lo a aceitá-lo. O futuro do mundo depende da eficácia com que o enfrentarmos” (SINGER, 2004, p. 257).

Convergência. Há uma necessidade planetária que exige essa coerência a ser buscada pelos seus habitantes do planeta, ou seja, a convergência de todas as Nações em sistema consensual de governo universal, pacífico e democrático, no qual seja superada a imaturidade do belicismo: O Estado Mundial Cosmoético. (PEREIRA, 2013, p. 141)

A concepção de Estado Mundial é política de cooperação, intercâmbio e integração universalista entre as Nações, conquista possível devido aos avanços tecnológicos, sendo inevitável o consenso ou a homogeneização gradual das leis e regras regendo esse regime, respeitando os direitos individuais ou culturais de determinada população (VIEIRA, 2003, p. 838).

Limites. Os dramas sociais vividos, a exemplo de Chernobyl (acidente em usina nuclear – 1986) e a AIDS, ilustram muito bem os limites dos poderes técnico-científicos que acometem a humanidade. *É evidente que uma responsabilidade e uma gestão mais coletiva se impõem para orientar as ciências e as técnicas em finalidades mais humanas* (GUATTARI, 1997, p. 24).

Convivência. Mesmo parecendo absurdo acreditar que os diversos movimentos no mundo, embora pulverizados, possam construir uma nova sociedade, é possível pensar e agir no âmbito pessoal, avaliando quais são os efeitos de nossas ações em relação às pessoas com as quais convivemos, ao meio ambiente e com a sociedade como um todo, criando *novas formas de convivência e organização social*, baseadas na responsabilidade solidária (SUNG & SILVA, 2004, p. 113-116).

Transversalidade. Pelo resultado dessas últimas décadas, mais do que em qualquer outro momento na história da humanidade, não se pode pensar mais de modo desarticulado, separando o planeta do cosmos, o país do planeta, nós dos outros, nós da natureza, a natureza da cultura e assim por diante, permanecendo uma visão parcial e restrita sobre as coisas. É preciso aprender a pensar de modo transversal, articulando diferentes olhares e saberes, conhecimentos de si e do mundo.

Cidadania. Esse direcionamento conduz não apenas ao conhecimento, mas a uma consciência da condição comum a todos os seres humanos, em sua *rica e necessária diversidade*⁷ (de indivíduos, de povos, de culturas). Desenvolver um sentimento de pertencimento mútuo que nos faça sentir cidadãos da Terra, ou melhor, cidadãos do Cosmos.

Estranhamento. Cada um de nós pode rebelar-se, discordar dos valores das coisas ao nosso redor, viver *a experiência de estranhamento* frente à realidade, de sentir-se fora da ‘normalidade’ diante do modo de funcionamento da sociedade ou do modo de agir de alguém.

Indignação. Quando essa experiência existencial ocorre em oposição a uma situação desumana ou injusta é chamada de ‘indignação ética’; quando ocorre em concordância com tal situação ela é uma experiência que nega o outro e por isso é chamada de antiética. *É a descoberta da diferença entre o que é e o que deveria ser: a experiência ética fundamental*⁸.

Autocorrupção. A coerência útil e cosmoética é indispensável e constitui-se a única qualidade capaz de dinamizar a evolução da consciência. No entanto, a consciência pode deixar-se sucumbir pelas autocorrupções, agindo com anti-cosmoética, buscando defender a incoerência, a promiscuidade, a anarquia, a entropia e tantas outras imaturidades crassas.

A anticosmoética é o procedimento imaturo no qual a consciência infringe consciente ou inconscientemente os princípios universais, corretos e evolutivos, da Cosmoética, multidimensional, agindo de modo indigno, antifraterno, marginal ou criminoso com efeitos patológicos e dolosos. (VIEIRA, 2003, p. 1036)

Priorização. O desenvolvimento da Cosmoética se dá a partir da necessidade de renovação intraconsciencial (recin) que surge quando a conscin aprofunda a autocrítica acerca das próprias manifestações multidimensionais, identificando os traços pessoais imaturos, as posturas egocêntricas, os travões evolutivos, dentre outros aspectos dificultadores da evolução consciencial.

Reciclagem. A reciclagem intraconsciencial constitui-se na renovação cerebral da conscin, desfazendo antigos modos de pensar, por meio da criação de

7 Morin, 2000, p. 61.

8 Sung & Silva, 2004, p. 14.

novas sinapses ou conexões interneuronais. A partir das recins, a conscin pode organizar a reciclagem existencial, mantendo os aspectos positivos e promovendo a resperspectivação da própria vida, ao romper com antigos padrões de conduta, mesmo aqueles considerados éticos em determinada cultura ou sociedade.

Exemplarismo. A partir das reciclagens intraconscienciais consolidadas, apoiadas na autopesquisa, a consciência passa a reciclar os comportamentos imaturos outrora arraigados, até despertar para a interassistencialidade e torna-se um exemplo cosmoético e pró-evolutivo, a partir de um código pessoal de conduta em suas manifestações multidimensionais, minimizando conflitos e ampliando o discernimento de todos ao seu redor.

Código. Para Demo (2005, p. 34), *toda convivência, não só humana e não só para o bem, implica em um código de conduta*, porém, nem todo código de conduta pode ser considerado ético se é apenas compromisso de convivência justa entre os pares, ao modo de gangues, que possuem um código de convivência, *quase uma ética, seguida de modo canino*.

CPC. No paradigma consciencial, o Código Pessoal de Cosmoética – CPC é o código espontâneo, dentro de cada consciência, desenvolvido através de milhares de existências, ao longo das feiras dos milênios. O CPC habilita a cada consciência a conviver em harmonia, com o devido respeito aos direitos e interesses das outras consciências, multidimensionalmente, dentro das sociedades intrafísicas e extrafísicas (Socins e Sociexes). *Cada indivíduo deve ter como fim o bem-estar de todos*.

Autoanálise. No exercício da ética para consigo está a prática recursiva da autoanálise, concebida como estado de vigilância sobre si mesmo, que só é possível de ocorrer por meio da autocrítica, *higiene existencial*, que minimiza o autoengano, as mentiras para si e constitui profilaxia contra a ilusão egocêntrica que impede a abertura ao outro. A recursão ética é vacina contra a nossa tendência em responsabilizar os outros pelos nossos equívocos. (MORIN, 2005, p. 95-96)

Autopesquisa. No paradigma consciencial, o pesquisador é o próprio objeto de estudo, analisando, com autocrítica, as variáveis que identifica e investiga a fim de aprofundar a compreensão sobre si mesmo, caminhando na reeducação dos pensamentos e sentimentos e desenvolvendo posturas, hábitos e rotinas saudáveis e evolutivos.

Comunicação. Em nossas inter-relações, com todos os meios e técnicas de comunicação, não há a garantia da compreensão daquilo que se pensa e se comunica, por mais inteligível que seja, porque no processo de comunicação intersubjetiva não há apenas o aspecto intelectual e objetivo, ou seja, há inúmeras variáveis que aproximam ou distanciam a percepção e identificação com a nossa condição humana e complexa no outro.

Validação. No processo de comunicação encontram-se implícitas as pretensões de validade daquilo que se enuncia e do modo como se assevera as afirmações sobre as coisas como sendo verdadeiras, ou seja, o dito é justo e o sentimento

que o permeia é veraz porque no mundo lançamos mão de três *pretensões de validade que se entrelaçam: a de verdade, a de justiça e a de veracidade* (ROUANET, 1992, p. 158).

Fechadismo. Em geral, cada um de nós tende a considerar que a própria maneira de pensar, sentir e agir é a correta, sem conseguir perceber que essa postura fechada retroalimenta a incompreensão que leva ao conflito e, em consequência, há mais incompreensão.

Hipóteses. Nesse exercício de interlocução cosmoética, cada interlocutor explica e justifica as próprias pretensões e busca compreender a construção argumentativa do discurso alheio, revendo as pretensões iniciais e exercitando a *suspensão radical da crença na validade do que havia sido afirmado*⁹. Substituir as crenças por hipóteses até que se possa, através de um consenso, ter a comprovação ou não, daquilo que foi enunciado ou que se tenha justificado.

Descrenciologia. Um dos princípios conscienciológicos é o *Princípio da Descrença* – PD que instiga o leitor ou interlocutor, a não crer em nada daquilo que está sendo proposto e afirmado, mas que mantenha-se uma postura de experimentação, de reflexão, de crítica e análise para averiguar, por si só, se há lógica, se faz sentido, se é real e passível de validação. Por isso, não há validações prévias.

Argumentação. A compreensão intersubjetiva e a validade daquilo que é proposto se dá através de um consenso fundado na argumentação onde todos têm o direito de enunciar o seu discurso, apresentando ou refutando argumentos de modo que todos promovam o livre exame sem que os participantes sofram qualquer tipo de coação, até que cheguem a um denominador comum.

Binômio. No convívio é imprescindível a aplicação do binômio admiração-discordância, postura da consciência madura quanto à evolução consciencial, que já sabe viver em coexistência pacífica com uma ou outra consciência, a quem admira e, ao mesmo tempo, não concorda sempre ou 100% com ela quanto aos seus pontos de vista, opiniões ou posicionamentos.

Cooperação. As dinâmicas de consenso e diálogo são permeadas por um valor determinante: a cooperação, que precisa existir porque cooperar significa *operar com, operar junto*. Por isso, na convivência cooperativa é possível aprender mediante a utilização de estratégias de cooperação nas quais atuam os indivíduos.

Solidariedade. A cooperação se desenvolve por uma ética da solidariedade exercitada em cada um de nós que se esforça para a vida coletiva. A solidariedade é constituinte da vida social e é a ética necessária para manter a coesão de uma sociedade complexa.

Relatividade. O respeito à singularidade alheia e, em particular, à diversidade humana, é um dos maiores desafios da convivência que a vida social nos impõe. Anteriormente, houve a tentativa de fundamentar esse gesto em *mecanismos transcendentais, lógicos ou divinos*¹⁰, porém, hoje, a busca está em compreender

9 Rouanet, 1992, p. 158.

10 Demo, 2005.

que essa fundamentação encontra-se em uma relatividade natural inerente à história da humanidade.

Obstáculos. Há muitos obstáculos à compreensão do outro, do sentido de suas ideias e palavras, de sua visão de mundo, principalmente quando estes se distanciam dos referenciais subjetivos de quem deseja compreender. A polissemia das palavras, a multiplicidade de interpretações e o desconhecimento dos valores socioculturais levam à incompreensão dos princípios éticos e subjetivos alheios.

Nível. Cada consciência possui um nível evolutivo e, conseqüentemente, um nível cosmoético de manifestação. Para que haja a compreensão e o afastamento de obstáculos é necessário se inteirar do histórico consciencial multifacetado do outro. *Não é possível julgar o que desconhecemos.*

Esforço. *É a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado*¹¹. Isso significa que é preciso esforço no exercício de compreensão dos outros porque pode não haver reciprocidades, tampouco, reconhecimento. Um exemplo é o esforço em compreender um fanático que ameaça de morte, mesmo sabendo que ele é incapaz de nos compreender. Compreender as nuances da vida que levam alguém a ter tamanho desprezo pelo que nós representamos.

Evolução. A Cosmoética, põe o fraternismo à frente de nossos julgamentos e considera que toda consciência está fadada a evoluir, mais cedo ou mais tarde. A dinamização desse processo depende do valor que se dá à evolução, sem ter que esperar a saturação dos erros e equívocos, buscando identificar, o quanto antes, os entraves íntimos e estagnadores.

Valores. Para Aguiar (2002, p. 46), os *valores não vieram do nada*, foram construídos ao longo de nossa vida e mantêm-se presentes no modo como nos relacionamos:

- i) em relação à natureza (economia/desperdício de água, preservação/desmatamento de florestas, lixo jogado no mundo/com armazenamento seletivo, etc.);
- ii) nos relacionamentos com os outros (respeito/exploração, escutar o outro/ignorar o dito, reconhecer/negar, etc.);
- iii) na relação consigo (respeito aos limites pessoais/auto-exigência exacerbada, compromisso para consigo/auto-negligência, etc.).

Determinante. Se o processo de internalização dos valores socioculturais fosse determinante teríamos uma sociedade com uma homogeneidade de valores e comportamentos, o que está muito distante da realidade observável, tanto no contexto de determinada sociedade quanto no contexto planetário.

Experiências. Os valores são construídos não apenas com base na projeção de sentimentos positivos ou negativos que o sujeito tem sobre as coisas ou pessoas, mas são resultantes das *complexas experiências de vida*¹², permeadas de sentimentos, reflexões e motivações.

11 Morin, 2000, p. 99.

12 Araújo, 2007, p. 28-34.

Autoconhecimento. Para Vicenzi (2001), é preciso ter coragem para analisar a influência mesológica direta dos valores estabelecidos nos contextos com os quais se interage e dos valores sociais estereotipados. Só o autoconhecimento, segundo o autor, permite diferenciar os valores pessoais dos valores do meio onde se vive.

Tipos. Há diversos tipos de valores: os estabelecidos pelo meio, culturais, os aprendidos; os valores idealizados, aqueles que se gostaria de ter; os reais, que são manifestos e aparecem no comportamento, fruto do que realmente tem valor para a consciência. Todos eles podem ser éticos ou não. Essas distinções não impedem que os valores sejam reais, idealizados e aprendidos.

Evolutivos. Para a evolução da consciência o que importa, de fato, são os valores evolutivos, impulsionadores da própria evolução. Estes, podem ser idealizados e se tornarão reais à medida em que haja investimento da consciência interessada em torná-los reais e comporem as suas manifestações em qualquer dimensão.

Coletividade. Os valores evolutivos não impedem a convivialidade e nem propõe se viver em isolamento. Todas as consciências têm necessidades cognitivas, afetivas e materiais que as impulsionam à coletividade, uma vez que não lhes é possível pensar, sentir ou produzir todas as coisas que necessitam. Por isso, torna-se imperativo a necessidade de convivência.

Compreensão. A *ética da compreensão* pede que se compreenda a incompreensão, que se argumente e que se refute ao invés de excomungar. Pede que se evite a condenação irremediável pelo reconhecimento de nosso potencial de fraquezas e erros. É uma ética que compreende e humaniza as relações interpessoais porque é o modo do 'bem pensar' acerca do comportamento humano, inclusive de si mesmo, através do autoexame crítico e profilático, que evita a posição de 'juiz de todas as coisas' (MORIN, 2000, p. 99–100).

Incerteza. Não é possível ter a certeza que as boas intenções vão sempre gerar boas ações e, a resposta a essa incerteza está tanto na aposta do que é incerto quanto na estratégia que permite corrigir a ação quando ela deriva por outro caminho.

Descompasso. Os efeitos não intencionais mostra que pode haver descompasso entre a intenção, a ação e o resultado imprevisto, logo, reconhecer essa possibilidade demonstra a *necessidade de não reduzir as questões éticas às intenções das pessoas*¹³, bem como entender que há mecanismos complexos e interligados que interferem tanto nas nossas ações quanto em nossas vidas.

Intenção. A intencionalidade demonstra o que a consciência quer e define as possíveis encruzilhadas do destino humano. Mas, a boa intenção por si só não basta, é preciso ter discernimento para que as escolhas sejam evolutivas e lucidez só se adquire com cosmovisão. A intenção é um pensene que pode ser cosmoético ou anticosmoético.

13 Sung & Silva (2004, p. 20-21)

Intencionalidade. Para compreender o outro é preciso se inteirar da realidade intraconsciencial alheia que não está completamente revelada nas oportunidades de convivência. A qualificação da intencionalidade, com foco na interassistência, vinculado ao domínio bioenergético, predispõe o desenvolvimento parapsíquico, fundamental para acessar, de modo cosmoético, a intimidade de outrem e ajudá-lo a evoluir.

Esclarecimento. A Cosmoética é mais que pensar nas incompreensões, na convivência possível ou na diversidade cultural. Implica em reflexão e ação, em atuação multidimensional pró-evolução do próprio planeta e das consciências relacionadas ao mesmo. Agir com pensamentos, sentimentos e energias na promoção da tarefa do esclarecimento quanto à realidade multidimensional e as implicações necessárias às renovações paradigmáticas em prol do amadurecimento de todos.

Intencionalidade. Segundo Vieira (2014, p. 1276), *colocar, sempre que possível, a assistência tarística na frente, ou seja, a energia consciencial (EC) em primeiro lugar, e a intencionalidade cosmoética será mantida incólume.*

ARGUMENTOS CONCLUSIVOS

Universo. Para concluir as reflexões apresentadas, reduz-se o universo de discussões ao âmbito mais próximo de cada consciência. É o demonstrativo restrito e peculiar do contexto pessoal de cada um para auxiliar na compreensão do que ocorre no âmbito amplo e cósmico.

Diferenças. Todos os dias há o desafio de lidar com as diferenças conscienciais e os possíveis conflitos e divergências, seja em casa, na rua, no trabalho, na escola, na universidade, na família, nas amizades, na vizinhança, no bairro, na cidade, no país, no mundo. Superar essa condição não significa um esforço de tolerância aparente para o acobertamento das discordâncias.

Holopensene. O planeta Terra possui um holopensene, conjunto de pensamentos, sentimentos e energias produzidos por toda a humanidade e para-humanidade. A média do padrão holopensênico, daquilo que tem sido pensado e sentido, denuncia as posturas egocêntricas e antiéticas. Há uma minoria que despertou para posturas sadias de solidariedade, ética e interesses pelo bem comum.

Conflito. Para lidar com os conflitos ao redor, vale o esforço em minimizar a conflitividade, primeiro no íntimo, intraconsciencialmente e depois nas relações com os outros. Constitui-se aprendizado para a vivência da imperturbabilidade e fraternidade vivida, no desenvolvimento da Inteligência Evolutiva – IE em ações cada vez mais altruístas.

Carmalidade. A lei de causa e efeito, ação e reação, é compreendida pela Cosmoética. Somos responsáveis pelas reconciliações e retratações inadiáveis, fruto de conflitos pretéritos que geraram interprisões. Nosso compromisso e responsabilidade em evoluir é aqui, agora, já.

Interassistência. Diante de um Universo tão amplo, com infinitas galáxias, é no planeta Terra que está, neste momento evolutivo, a oportunidade de evolução. Cada consciência que aqui se encontra, tem responsabilidade direta em se tornar uma consciência melhor, qualificar as próprias energias e utilizá-las, da forma mais cosmoética possível, em ações interassistenciais.

Intermissivistas. Quando o diálogo é possível, há a possibilidade de interassistência, esclarecimentos, aprendizados mútuos e ampliação de horizontes pela reflexão. No entanto, mesmo no silêncio, é possível se emitir os melhores pensares (pensamentos, sentimentos e energias) a outrem. Os cursos intermissivos suprem as consciências intermissivistas nas aprendizagens precisas para o desenvolvimento da interassistência neste planeta.

Exemplarismo. Vale, portanto, os autoesforços em desenvolver a Cosmoética, qualificar o próprio temperamento e as manifestações interassistenciais, servindo de espelho para a dinâmica evolutiva de outras consciências. O exemplarismo cosmoético de passageiros evolutivos podem gerar benefícios individuais e grupais.

Descrenciologia. Fica registrado, nesse momento, o *Princípio da Descrença*, para que, não se acredita em nada do que aqui está escrito. Que cada consciência interessada, pesquise mais sobre si mesma, e tenha, com autonomia, as próprias experiências pessoais, holossomáticas e multidimensionais.

Questionamentos. Você, leitor (a), já pensou mal de alguém nesta vida? Considera a possibilidade de elaborar o próprio *Código Pessoal de Cosmoética*? Fica, aqui, registrado o convite.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Romão Trigo de. **Considerações Éticas.** In: ZAUHY, Cristina; MARIOTTI, Humberto (orgs.). *Acolhimento: o pensar, o fazer, o viver.* São Paulo, SP: Secretaria Municipal da Saúde; Associação Palas Athenas, 2002.

ARAÚJO, Ulisses F. **A Construção Social e Psicológica dos Valores.** In: ARANTES, Valéria Amorim (org.); *Educação e Valores: pontos e contrapontos.* São Paulo, SP: Summus, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Público, Privado, Despotismo.** In: NOVAES, Aduino (Org.). *Ética.* 10ª imp. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.

DEMO, Pedro. **Éticas Multiculturais: sobre convivência humana possível.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FRANKENA, William. **Ética.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GHIGGI, Gomercindo. **Ética, autoridade e Liberdade em Freire.** In: VECCHIA, Agostinho Dalla & ANDREOLA (orgs.). *Ética: Diversidade e Diálogo na Produção de Referências para a Educação.* Pelotas, RS: Seiva, 2003.

GIANOTTI, José Arthur. **Moralidade Pública e Moralidade Privada;** In: NOVAES, Aduino (org.). *Ética.* 10ª impressão. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MORIN, Edgar. **O Método 6. Ética**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

_____. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PEREIRA, Jayme. **Princípios do Estado Mundial Cosmoético**. Foz do Iguaçu: EDITARES, 2013.

PUIG, Josep Maria. **Aprender a Viver**. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.); Educação e Valores: pontos e contrapontos. São Paulo, SP: Summus, 2007.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Dilemas da Moral Iluminista**. In: NOVAES, Adauto (Org.). Ética. 10ª impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RUSS, Jacqueline. **Pensamento Ético Contemporâneo**; tradução: Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 1999 – Coleção Filosofia em Questão.

SANTOS, José Reus. Apontamentos sobre a História da Ética. **Revista Géfyra**, São Miguel do Iguaçu, PR, v. 1, n. 2, jul./dez. 2012.

SERRES, Michel; **Hominescências: O Começo de Uma Outra Humanidade?**; tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SINGER, Peter. **Um Só Mundo: A Ética da Globalização**; tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido da. **Conversando sobre Ética e Sociedade**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VALLS, Álvaro. **O Que É Ética**. São Paulo: Brasiliense, 2004 – Coleção Primeiros Passos.

VICENZI, Luciano. **Coragem para evoluir**. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de projeologia e Conscienciologia, 2001.

VIEIRA, Waldo. **Homo sapiens reurbanisatus**. Foz do Iguaçu: Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia, 2003.

_____. **Dicionário de Argumentos da Conscienciologia**. Foz do Iguaçu: EDITARES, 2014.

ZANOTELLI, Jandir. Ética e Desenvolvimento. In: ANDREOLA, Balduino & VECHIA, Agostinho. (Orgs.). **Ética: Diversidade e Diálogo na Produção de Referências para a Educação**. Pelotas, RS: Seiva, 2003.

SANTOS, José Reus dos. **Breves apontamentos sobre a história da ética**.

Leuzene Salgues é Engenheira Civil (UFPE) e Pedagoga (UFRN). Mestre e Doutora em Educação (UFRN). Voluntária da Conscienciologia desde 1995; docente em Conscienciologia desde 1996; autora de artigos e verbetógrafa da Enciclopédia da Conscienciologia. Atualmente é voluntária da Intercampi – Associação Internacional dos Campi de Pesquisas da Conscienciologia.